ANO I — Lisboa — Segunda-feira, 28 de Janeiro de 1918 — N. 287

Para as reclamações relativas a assinaturas acompanhadas d'esta cinta.

Portugueses

A Avarqia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e Typographia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Rosa, 134

Editor — João N. Santos

Telefone: C. 1035

O sr. Sidonio Pais no Norte

Não tenho a pretenção de aconselhar V. Ex.ª, ou trazer aqui alvitres que V. Ex.ª não tenha ponderado, porque o seu valor intelectual está comprovado desde o tempo de escolar e professor, até aos altos cargos que actualmente ocupa, mas sempre os governantes ouviram com proveito as palavras sinceras dos governados.

Não é a primeira vez que V. Ex.ª vem oficialmente ao Porto, mas deve-o ter impressionado profundamente a forma como agora foi recebido. Não ouviu em torno de si o vozear da ralé, que formava a parte mais numerosa e mais saliente das manifestações democraticas; essa ralé que tão perceptivelmente incomodara o sr. Chagas, que o sr. Bernardino hipocritamente cumprimentava, que o sr. Afonso Costa pagava e trocava—classificando-a justamente de *muitos pés e poucas botas*, e que o sr. Antonio José adulava com palavras retumbantes, gastes de ideias que não tem e aquela clientela dispersa. Viu-se V. Ex.ª cercado da verdadeira população do Porto—todos os que trabalham. Esta é uma cidade de trabalho, com orgulho num brazão conquistado, porque outros não havia, dentro das suas velhas muralhas. Quando V. Ex.ª cá esteve como ministro, fóra o elemento oficial que por dever de officio lhe apareceu, devia-o ter impressionado muito mal o contacto que o forçaram a ter e com má impressão ficou desta terra onde nasci. Ora nós, os tripeiros somos barristas, pugnamos pelos creditos da nossa terra tudo o que podemos, por vezes com um exagero levemente ridiculo, mas que é sadio e constructor.

Foi a parte sã da cidade que agora esteve em contacto com V. Ex.ª, que o aplaudiu e que o defenderá quando seja preciso. Cercou-o a mocidade das escolas, porque V. Ex.ª vinha engrandecido do prestigio, supremamente venerado pelos novos a coragem. Cercaram-no as classes trabalhadoras, que aqui são tudo, porque V. Ex.ª tinha assegurado a ordem, elemento primordial do trabalho. Cercou-o o elemento intelectual, porque V. Ex.ª tem entre ele logar de destaque, ao contrario do que sucedia ás principalidades politicas preponderantes na democracia.

Cercaram-no as classes conservadoras, as que continuam, apesar da violencia das pressões e das apetitosas sugestões de lucro, a afastar-se dos detentores do poder. V. Ex.ª só agora pode saber o que era o Porto e o que era o norte, esse norte onde nunca se pode enraizar a republica de Lisboa, que só teve tristes representantes nesta região—os fechados em todos os caminhos, os ambiciosos sem escolha de processos, os peores elementos dos partidos a monarquia, sempre adulando o poder, sem lhe dar força nem lustre e a massa infima das populações das cidades, a que se vende, que victoria hoje o chefe evolucionista e dias depois tenta assassina-lo em plena rua.

Quem veio ao encontro de v. ex.ª e o recebeu carinhosamente foram os que veiam por si proprios, os que faxem a riqueza e o poderio da nação, e entre eles, talvez em maioria, estavam todos os que se despediam tristemente dos seus prelados, nos seus dois exilios, e acorriam a felicitá-los quando a demagogia saiado do poder e eles podiam regressar ás suas dioceses. Já v. ex.ª sabe que nos ultimos sete anos e meses, nunca nenhum personagem em visita oficial foi acolhido com igual espontaneidade. Tinha havido, anos antes do triunfo republicano, uma recepção superior a essa, superior em entusiasmo, superior em alegria, superior em duração, porque este burgo plebeu ama acima de tudo os seus Reis e os seus Bispos, não se esquecendo que no brugão da cidadella as torres, simbolos reais encimados pela imagem da Virgem e se na sua historia ha revoltas, contra o poder real e episcopal elas significam a intransigencia na defesa dos seus direitos e nunca a agressão ultrajante; movimento de justiça contra a violação de tratados, e nunca arremetidas contra os simbolos dos Pios poderes.

Mas este periodo de aclamações aquele que garantia a ordem no paiz está passado e por mais longa que seja a sua vida pelo que fazemos votos (em contrario ás cordiais intenções democraticas, nunca, frizo-o bem, *nunca* v. ex.ª viverá dias tão belos e tão compensadores do seu papel politico.

Vai v. ex.ª para Lisboa, a politica ha de cerca-lo nas suas malhas, que tentam entorpecer a acção energica da sua vontade fria e talvez de novo a sua espada tenha de se impor; mas todos os governos democraticos trazem de inicio, por mais que os fortaleçam as energias sãs das nações, o germen da sua destruição. São temporarios, o que lhes impede firmar situações estaveis e duradouras.

Momento virá em que tantas serão as intrigas politicas a debater-se-lhe em torno que bem menos perigosas lhe aparecerão as horas primeiras que no Parque Eduardo VII, só o encaram poucas centenas de energias indomaveis e caracteres altivos.

E, como agora e sempre, a marcha implacavel da vida das nações, se sobrepoz e dominou as individualidades, as mais energicas e as mais poderosas, v. ex.ª será dominado pelo que no hino dos destinos está gravado e nitidamente se declara, encarando-o sempre frio o momento presente e deduzindo das lições da historia a consequencia fatal dos factores actuais em jogo, fora e dentro das fronteiras. O ponto de incidencia de todos esses factores é um, que precisamente se pode determinar, ainda que seja variavel o justo tempo e com ele os incidentes acessorios. V. ex.ª terá um papel saliente e digno, ou apagado e triste, que isso nada influirá no resultante. E' bem velho e sabido que os homens são velhos instrumentos, mas a sua energia e caracter pode arrastá-los numa ou noutra direcção, e trocar pelo mau logar o logar bom, que não ficará desocupado, outros mais habeis ou mais felizes se apoderarão deles.

Quando esse momento vier, para terminho brilhante do seu papel historico, lembre-se v. ex.ª então dos dias passados no norte de Portugal e tenho a certeza de que se essa lembrança lhe vier, será acima de tudo surpreendido e a sua espada victoriosa e leal não hesitará.

Julio de Melo Matos.

ECONOMIA NACIONAL

Os civis e a guerra

A maior parte da gente, principalmente em Portugal, julga que a nossa participação na guerra se limita ao envio para a Africa e França dumas dezenas de milhares de soldados com o respectivo armamento e munições. E se uma ou outra pessoa pensa um pouco mais profundamente sobre o assunto chega tambem á conclusão que é preciso alimentar esses soldados portugueses e que essa tarefa do reabastecimento não é com certeza a menos importante. Mas o que quasi ninguem pensa é na parte consideravel que os elementos civis que ficam em territorio peninsular teem de tomar na lucta em que estamos envolvidos.

Ora a verdade é que nesta guerra se tem verificado que a victoria depende tanto dos exercitos como dos elementos civis. Os inventos de ataque ou defeza, os efectivos das tropas equilibram-se de modo que não houve até hoje derrotas aniquiladoras que obrigassem um dos contendores a desistir da lucta. E se o esmagamento militar de qualquer dos adversarios se não deu até agora, não cremos que ele se dê, pelo menos proximamente. O que pode suceder, o que é natural que suceda é um dos combatentes ou um grupo delen sentir-se de tal modo exausto economicamente que peça a paz.

E mesmo que assim não sucada inteiramente, pode suceder em parte, na certeza de que da resistencia economica depende estreitamente a resistencia militar.

Admitida esta verdade, e não julgamos que ela se possa negar, temos de convir em que a organisação interna do país deve ser tão perfeita e energica como a do exercito. E se todos nós reconhecemos a necessidade de pedir a tanta centena de homens o sacrificio maximo, a vida, muito mais facilmente devemos reconhecer a necessidade de voluntariamente, prontamente nos submetermos ás exigencias de sacrificios que o governo peça ás populações civis em nome do interesse patrio.

Ora os sacrificios da população civil podem ser de muitas ordens. E' a producção de material de guerra, a producção mais intensa de todos os generos, o aproveitamento maximo das capacidades de trabalho de cada um, etc.

Ora uma das formas mais importantes sob que o sacrificio da massa geral da população pode ser pedido consiste na redução do consumo, tanto dos objectos necessarios, como (e estes principalmente) dos objectos superfluos.

—Sacrificios, dir-me-hão, temos nós feito de ha muito, e sacrificios bem grandes!

De acordo, mas convem atentar que o verdadeiro sacrificio neste momento, aquele que mais deve ser apreciado por ao paiz trazer maiores proveitos, não é aquele que a força das circunstancias nos impõe! Não ha virtude em deixar de fazer certas despezas quando não ha em que as fazer! O que é necessario, o que é para desejar é que cada um se resolva a fazer economias reduzindo a sua alimentação dentro do que for possivel, substituindo os aperitivos e acepipes por comidas solidas, mais economicas e mais proveitosas á saude e resistencia fixa. Os artigos de vestuario podem ser menos fantasiosos, podem durar mais tempo, etc., etc..

E o mesmo se pode dar no capitulo da producção. Que cada um produza o maximo, não apenas para enriquecer ou tirar grandes lucros, mas tambem para com o seu esforço aumentar as forças e recursos da nação.

Dos actos individuais mais simples e insignificantes depende neste momento o bem-estar e até o futuro da Patria. Que cada um, lembrando-se de que é Português e que, portanto, tem de ajudar os nossos irmãos que se batem lá fóra, sacrifique quanto poder do bem estar proprio e individual ao interesse sagrado do paiz.

A. Campos Figueira.

"Jornadas em Portugal,,

Procura Antero de Figueiredo neste seu ultimo livro dar-nos a comungar da terra portuguêsa. Andava perdida na nossa herança literaria a emoção de Garrett nesse adoravel breviario de sensibilidade que são as *Viagens*.

Não conheciamos a voz da paisagem nem o ritmo do sangue batendo concorde com ela. Palidas tentativas se esboçaram para restituir á dignidade da nossa literatura os retalhos admiraveis do céu provinciano com a cantiga larga dos horisontes ensoalhados de sol. Que sabiamos nós das vilas caiadas, como que suspensas no azul imovel? Quem é que se comovia já com a agonia patética das nossas cidadelas esboroando-se pedra a pedra. Precisavamos dum roteiro sentimental que nos ensinasse a meditação das nossas coisas, daqueles em que fala mais para a alma rural e candida da raça.

Não foi outro o alto enlevo da exaltação nacionalista em que Antero de Figueiredo se embebeu todo ao enriquecer a sua carreira de escritor com as *«Jornadas em Portugal.»* E' um livro para se amar, ainda que nem sempre nós, os mais novos, nos espelhemos inteiramente nele. E' que o processo psicologico de Antero de Figueiredo, incarnando-se na figura e nos aspectos, substitue-se ás vezes por um pouco. Talvez por uma velha tara romantica, ao verdadeiro drama interior sobre o qual se debruça, tocado de extraordinarios poderes de adivinhação. E' uma pagina formosissima a pagina em que nos ressuscita D. Frey Bartolomeu dos Martyres, em exercicio do seu ministerio pelas serranias estranhas do Barroso.

Deu-nos apetité de recordar Fr. Luiz de Sousa na *Vida* do grande arcebispo. Achamos em Antero de Figueiredo o mesmo sabor vigoroso da palavra, a mesma estructura castiça de frase.

A diferença é que o impressionista elegante das *Jornadas* se alimenta dum outro toque de nervos que, metido na sua cela, ouvindo correr a Fonte do Sátiro, faltava ao bom frade de S. Domingos, cronista da sua ordem para gloria de Deus e obediencia á regra.

Mas nós diziamos que era uma pagina formosissima essa em que Antero de Figueiredo nos punha diante dos olhos o velho arcebispo, imprimindo um gesto lento de santificação á gente bisonha da serra e ao seu bisonho fundo de scenario primitivo. Por isso nos doe que o escritor, com Frey Bartolomeu a caminho de Trento, no-lo apresente com Lutero no coração, embora nos labios mudos nem de longe transparecesse o sopro da rebeldia. Coluna forte da Contra-Reforma, interpretando o sentir da Christandade que triunfou em Trento, o santo prelado é mais o protesto de disciplina eclesiastica contra a soltura licenciosa da Renascença e que o desejo irreverente de inovação que atolou o despeito diabolico do monge germanico. Eis aqui um tema para conversas intérminas. Enunciamo-lo apenas pela tristeza que sentimos ao ver num livro nacionalista uma noção tão *protestante*, tão fóra de nós mesmos, como é a que possue Antero de Figueiredo acerca de D. Fr. Bartolomeu dos Martyres.

Compreende-se que nestes reparos, e alguns mais, lhe poderiamos juntar em igual sentido—não vai da nossa parte senão um sinal evidente de muito que estimamos e prezamos na nossa carne e no nosso espirito o livro recente de Antero de Figueiredo. Ele individualiza, na realidade, uma tendencia salutar na renovação dos nossos motivos literarios, a par dum esforço mais que nobilissimo em nos nacionalizar o gosto artistico, pervertido de todo. Ha nas *jornadas* trechos de concisão e de vigor que despertam em nós a lembrança da simplicidade previlegiada de Camilo. Assim, na *Terra Negra*, as quatro pinceladas com que Antero de Figueiredo nos levanta uma tragedia das mais agudas, utilisando com singular soberania os recursos excepcionaes dum mestre excepcional. De resto, aforá uma ou outra preciosidade de estilo, que pasoalmente nos não satisfaz, nós participamos do legitimo orgulho de Antero de Figueiredo, ao subscrever uma obra em que o seu amor a Portugal fala claro e ardente, como se fosse a anunciação daquela desejada manhã em que o grande Adormecido ha-de soltar um dia a estas suas praias ocidentalissimas.

Confessamos a Antero de Figueiredo a mais calorosa admiração e os nossos votos dirigem-se d'aqui á continuidade do seu pensamento em novos testemunhos de fé e de beleza, resado á santidade discreta de Portugal, nessa patria.

Transcrições

O nosso prezado colega *Noticias de Viana*, que por lapso, com certeza, se esqueceu de se referir á *Monarquia*, transcreveu no seu numero de 24 de Janeiro, um artigo do nosso querido amigo dr. Julio de Melo e Matos—*Oiro maçonico*, e um suelto da redacção—*A reabilitação do sr. Bernardino?*

Ao nosso colega de Viana os nossos melhores agradecimentos.

Tambem os nossos prezados colegas *O Comercio de Vizeu* e *Soberania do Povo*, transcrevem nos seus ultimos numeros a infor nação que aqui démos de que Sua Magestade El-Rei concorrera com uma importante quantia para a subscrição aberta em Londres para a compra de agasalhos e outras obras de assistencia aos soldados portugueses do corpo de artilharia pesada.

Os nossos agradecimentos.

COIMBRA

O sonho dos estudantes

A alma escura de Gomes Freire, o santo condestavel do Liberalismo, ainda esvoaça, algumas vezes, por entre as arvores desfolhadas do Choupal de Coimbra, nestas noites tenebrosas de rigoroso inverno.

Conta-se que, quando da estada ali, do sr. Sidonio Paes, de noite, gemeram tristemente os troncos nus, fugiram espavoridos os negros corvos, sibilou em lamentos uma ventania lugubre, emquanto os cães uivaram sinistramente nos quintaes. Mas, aos acenos desesperados da alma penada, a Academia não respondeu; continuou imersa no sono descuidado da mocidade.

Apenas alguns romanticos se ergueram pallidos, no leito. Haviam advinhado, numa manifestação doentia de histerismo, que no turbilhão dos ventos, iam envoltas as azas negras da *Liberdade*, despedaçando-se contra os beirraes das casas. Horror!

Num acesso de misticismo romantico, um estudante mais sensivel pega da pena e num verbo arripiado escreve um hino á *Liberdade* de mistura com preleções veiltas e *sebentas*.

Compelidos pelo vento tocam os sinos das egrejas; e são como a voz do Cristianismo rezando fraternalmente pela alma penada do Liberalismo, seu algoz.

Mas o joven e sensitivo estudante, presa daquele flato histerico, não o entende assim. Para ele, aquela furia desordenada dos elementos encerra a maldição da *Liberdade* que a Academia esqueceu. E apressa-se a afirmar que não, que a academia permanece ideologa, romantica, fiel como outr'ora. Simplesmente repassa, cançada das ovações que fez ta Sidonio Paes.

Em extase, ouve distintamente a voz forte de Ribeiro dos Santos, atroando os ares como o ribombar dos trovões, e o ruido das armas do batalhão academico, batendo nos lagedos do pateo universitario. Vê nitidamente esses bravos, de abundantes cabeleiras soltas ao vento, numa grande ancia de liberdade.

Ceusi Coisa bela a *Liberdade!*

Como era lindo e romantico o luar, banhando na sua luz doce palidas madonas, frementes de amor e de tuberculose!

Rompe o dia. O estudante desperta agitado, coberto de suor, desgrenhada a melena.

Abre a janela e absorve a longos tragos o ar puro da manhã, numa bela sensação de liberdade.

Ao longe rufam os tambores e o som metalico das cornetas rasga os ares, tocando uma marcha guerreira. E' um batalhão que parte para a guerra, illuminado por um sol magnifico que lhe envia a carícia dos seus raios.

Coisa extranha! Ao lado da arma, em vez do bandolim romantico, levam os soldados um envolucro escuro a que chamam granada de mão.

Não teem os trajes chamarrados de oiro; vestem uma indumentaria sobria, de cor cinzenta que se confunde com as brumas e as pardas terras do Norte.

Não usam cabeleira, nem teem a cor dos lirios, nem olheiras profundas. Heresia! Os que marcham são explendidos rapagões de cor sadia, de aspecto forte, com o ar selvagem de pastores dos Herminios.

E' gente da antiga raça, proclamando com a voz dos canhões que, em breve, a Patria estará livre do microbio *romantico-tuberculoso*, das pinturas de alvaiade e de carvão, dos rouxinoes de profissão, da choradeira da guitarra; e que a aragem forte da *Liberdade* que a vinha sufocando, hoje já não mata.

Cedeu o logar ao que os franceses chamam: *le vent de l'abus*.

Na rua, as azas negras da *Liberdade*, jazem desfeitas em miseraveis detrictos, de mistura com a lama e agua das poças.

Assim teria de ser. Os ultimos que elas abrigavam, foram reduzidos a pó porque não? Se o romantismo andava tão intimamente ligado á tuberculose!

Como conceber um poeta, cantar de madrugadas sanguineas, ou uma donzela enamorada, vendo morrer o luar, sem as classicas gottadas de sangue, umas vezes reprezas nos peitos incandescentes, outras, tingindo tragicamente as faces pallidas dos amantes?!

Ponto e virgula

Hoje, tantos dias passados sobre aquele em que o Soisa das polainas brancas, arremeteu, furioso, guinalhando contra nós, ocorre-nos uma pergunta indiscreta:

—Mas que ou quem é o sr. Soisa?

Lemos com atenção todos os sueltos mirabolantes que a *Republica* nos dirigiu contra o nosso *germanofilismo*, examinamos todos os adjectivos de que veem pejados, e embora, com todo o bom humor, tivessemos replicado ajessa serie de diatribes azedas, hoje, perplexos, preguntamos:

—Quem é o sr. Soisa?

A nossa interrogação, que traduz a nossa ignorancia sobre a misteriosa creaturinha que dá pelo nome de Soisa, tem razão de existir.

O sr. Soisa tanta vez, dentro da sua insolencia, nos falou em *bestas, alimarias, asiabulos, estrebaria*, e artes correlativas que, ainda hoje, não sabemos se é um arrejiro que nos fala das suas habilidades, ou uma creatura extravagante que declina o seu nome de batismo. Mas uma coisa ou outra ele deve ser forçosamente.

O riso, aquele espantoso riso que é o sacode de alto abaixo, trae-lhe a sua individualidade esquisita e a sua profissão.

O riso é uma biografia. O dr. Ricardo Jorge fez uma vez uma classificação admiravel do riso, de todos os risos, desde o riso ironico atributo de homem civilizado e experimentado, ao riso sem cór, ao riso alvar.

Mas o sr. Ricardo Jorge esqueceu-se, ou ignorava que havia ainda um outro riso, excelente para a documentação psicologica de certas criaturinhas que passam por ahi, por Lisboa, por toda a parte, em *trabesti*, a fingirem de gente...

E' o riso burguês, o riso branco, quasi imbecil, sempre animal. Estremece os ventres e arrebenta os suspensorios. E' o riso do sr. Soisa, é o riso de todos os Soisas, nados e por vir ao mundo.

E o sr. Soisa já rebentou sete pares de suspensorios! O seu riso é enorme, escandalosamente ruidoso. E' a sua biografia inteira, refundida e revista pelo autor. E' oriso charivari, é o riso lata de petroleo. E' ao mesmo rendoso e providencial. Rendoso para o *amigo Carneiro*, do Chiado, que lhe vende os suspensorios e providencial para o sr. Antonio José de Almeida que se refugia nele para não ouvir as vozes das viuvas e dos orfãos dos miseros soldados mortos criminosamente em Africa, que lhe dizem: Assassino! Assassino!

E porque o sr. Soisa, que não sabemos o que ou quem seja, continua a rir, e a mostrar insolencias, nós teimamos em não querer discutir com a *Republica*.

Os argumentos com que se nos dirigiu não servem para uma discussão seria e honesta, de ideias e atitudes.

São apenas argumentos de opera-bufa, com duas personagens de interesse e actualidade: um assassino a conter, avermelhado, otro alemão, a dos pés, enrodilhado, gordo, grotesco, um bobo a rir, a rir, a rir estrepitosamente, com 7 pares de suspensorios nas mãos—o seu unico diploma jornalistico!

—Uma opera-bufa que poderia ser representada no Porto, na rua dos Congregados, n.º 1...

Notas da Guerra

Foi tudo menos conciliador o discurso do chanceler Hartling não tem é certo a maneira brutal que tão triste celebridade deu a Bismarck, mas pelo seu processo mais brando e encapotado vai atacando com um espirito guerreiro nada melhor que o de qualquer «evangelico» prussiano da *Kreuzzeidung*. Vê-se quanto é forte a *poussée* germanista que invade todos os partidos, enquanto para lá do Vistula se vai caminhando pela estrada dos ideais.

São dois efeitos contrarios da guerra, mas gosteriamos mais de vêr invertidos os papeis. Os republicanos que saudaram a republica rassa não devem ser da nossa opinião, tanto mais que pela teoria de *vontade geral* lhes deve agradar a pulverisação do antigo imperio em numerosissimas democracias independentes, dividindo a população e atribuindo, sempre dentro da citada teoria, maior dóse de *vontade* a cada cidadão.

As novas republicas do que foi a Russia, são as de Taschkent, de Ufa e das *baschki*. Na Moldovia, restos da Roménia, trava-se sangrenta luta entre maximalistas que a querem *a força* democratisar e romenos que decerto e apesar de todo o seu heroismo não poderão resistir, formando-se assim como já aqui ha tempos anunciámos, mais uma republica para gaudio dos nossos democratas, a da Moldavia.

O barão Motono, presidente do conselho do Japão, mais uma vez confirma a sua orientação na guerra, orientação essencialmente didatica notificando ás potencias aliadas a sua resolução de intervir imediatamente na Manchuria caso as desordens maximalistas continuem.

Cremos portanto que o exercito japonez vá em breve ter uma ocupação... ocupadora, a qual talvez se alargue mais do que se supõe.

Conselheiro Espregueira

Nas exequias celebradas em Viana do Castelo por alma do antigo ministro da Coroa, conselheiro Manuel Afonso de Espregueira, a *Junta Central do Integralismo Lusitano* e *A Monarquia* foram representadas pelo nosso prezado amigo e correligionario dr. João da Rocha Páris.

Ecos da Intentona

Ontem, na Penitenciaria, houve encontre concorrencia de visitas aos presos politicos que ali se encontram.

Segundo consta, um dos guardas do nome Louro, ameaçou, por ocasião da visita, alguns revolucionarios do 27 de abril, dizendo entre outras inconveniencias, que brevemente chegaria a hora da vingança.

—O sr. governador civil do distrito chamou hoje ao seu gabinete o administrador de Cascais, a fim de o inquirir acerca dumas queixas que recebeu contra aquela autoridade administrativa.

—O sr. Henrique Forbes de Bessa, governador civil de Lisboa, ordenou a todos os casinos e restaurantes sem licença, que não podem estar abertos alem da 1 hora da madrugada.

Homenagem ao insigne professor

D. Luiz de Castro

Como anunciámos realisou-se ante-ontem pelas tres horas da tarde, no anfiteatro do instituto Superior de Agronomia, Tapada da Ajuda, a sessão de homenagem ao ilustre professor senhor D. Luiz de Castro, promovida pela Associação dos Estudantes do Instituto.

Presidiu o director do Instituto, sr. C. Lima Alves, tendo á direita o decano dos professores e antigo par do reino sr. Luiz Rebello da Silva e á esquerda o sr. Alfredo Baptista Borges, presidente da Associação escolar.

Abriu a sessão, associando-se á homenagem prestada ao eminente professor reintegrado, o sr. director Lima Alves, dando depois a palavra ao aluno sr. Nuno da Gama, que produziu uma bella allocução, coroado de calorosos aplausos na assembleia.

A seguir ergueu-se o representante do ministro da Instrução publica, sr. professor Braga Paixão, que expressou o seu entusiasmo assistindo áquela consagração que se seguiu ao acto de justiça e reparação feita pelo ministro. Foi muito aplaudido.

Comovidamente, com a sua costumada eloquencia falou o senhor D. Luiz de Castro, mostrando o que deve ser a politica economica do paiz e exprimindo a sua alegria por se encontrar entre os seus colegas e estudantes, aos quaes expressa o seu reconhecimento.

Uma estrondosa ovação o saudou ao terminar e, por ultimo em nome da Associação, o sr. Alfredo Baptista Borges agradeceu a assistencia do representante do governo, dos professores, da imprensa, e da direcção da Associação de Agricultura áquele acto solene.

A Monarquia associa-se do fundo do coração á justa homenagem prestada ao insigne professor e nosso querido amigo.

Por conveniencia de paginação publicamos na 2.ª pagina o rol dos nossos soldados mortos em Africa

O espanto de Mayer

Mayer, o celebre neto do avô das cantatas escreve isto na «Manhã»:

Fundou-se em Lisboa uma liga anti-germanica, o que só pode ser motivo para todos os bons patriotas se congratularem. E' de estranhar, porém, que essa liga pretenda denominar-se «nacional», quando só a constituem monarquicos. Por acaso, eles representam o país para se arrogarem o direito de usar aquela designação?

Para o sr. Mayer Garção, os monarquicos não representarão o país, mas só eles, oiçe, veja, sr. Mayer, não é surdo e cego, só os monarquicos poderiam fundar uma liga anti-germanica nacional, precisamente porque não admitem, nem seguem, nem defendem a democracia.

Se a democracia veio da Alemanha, se os democraticos, se todos os republicanos, são pelas ideias que apostolisam pan-germanistas, como queria o sr. Garção Mayer que os republicanos fizessem tambem parte da liga anti-germanica?

O sr. Mayer Garção não reparou que isso seria um paradoxo?

A não ser que o neto das cantatas admire agora o Oscar Wilde dos decadentes e dos estetas..

Na Liga Naval

Conferencia de Mr. Paul Strozzi

O ilustre jornalista francês Mr. Paul Strozzi realizou ante-ontem, como tinhamos anunciado, a sua interessantissima conferencia sobre o tema—«La femme française devant la guerre.»

O nosso confrade Homem Cristo, filho, fez a apresentação do ilustre jornalista, que foi muito cumprimentado no fim da sua brilhante *causerie*.

A conferencia foi encerrada pela recitação do soneto do nosso director sr. conde de Monsaraz, *Aug Cæsar*.

Severim de Azevedo

Está sendo distribuido o livro intitulado «Quadros da minha terra» de que é auctor o nosso presado camarada Severim de Azevedo (Chispin) e que foi editado por uma comissão composta pelos srs: Antonio Vaz Correia Seabra de Lucerda, J. A. Moreira d'Almeida, D. Thomaz de Almeida Manoel de Vilhena, João Collares Pereira, Guilherme Spratley, João Costa, Annibal de Vasconcelles e Francisco de Rangel de Lima, para commemorar e restabelecimento do distincto jornalista.

Os «Quadros da minha terra» são brilhantemente prefaciados pelo eminente tribuno e homem de letras, sr. dr. Cunha e Costa.

Todos os pedidos ou devoluções devem ser dirigidos ao sr. Guilherme Spratley, thesoureiro da commissão de homenagem, rua do Arsenal, n.º 162.

Um diploma detido

No Avenida Palace, onde se acha hospedado desde que veio de Londres, continua ainda detido o sr. Teixeira Gomes, ex-ministro de Portugal naquela cidade.

Não é permittido a ninguem falar com s. ex.ª.

Os empregados do hotel abstem-se de dar qualquer esclarecimento ácerca da detenção do sr. dr. Teixeira Gomes, dizendo que só teem conhecimento do facto pelo que dizem os jornaes.